

Em setembro de 1989 o Zero, jornal laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, publicou um caderno especial, com quatro páginas, contendo a transcrição livre da gravação de uma palestra de Adelmo Genro Filho, sobre teoria do Jornalismo, ministrada no Encontro Regional de Estudantes de Comunicação, realizado em julho de 1987, em Porto Alegre. Esta transcrição da exposição oral de Adelmo, praticamente sem edição, apresenta as limitações e imprecisões características da transposição da fala para o texto. Em virtude do relativamente pequeno número de debates que Adelmo participou sobre o tema - após o lançamento do livro e antes do seu falecimento - em fevereiro de 1988, trata-se de um documento valioso pois corresponde a uma síntese didática da sua abordagem teórica e permite o acompanhamento da sua linha de raciocínio sobre o assunto.

Deste caderno, além da transcrição da palestra, consta um pequeno artigo de Sérgio Weigert, professor do Curso de Jornalismo da UFSC, e uma pequena biografia. Assim, a íntegra das matérias do caderno do Zero está aqui transcrita.

Jornalismo já tem sua teoria

Adelmo Genro Filho abre um novo caminho para a reflexão

A teoria, na prática, só é outra se a teoria for ruim. Partindo desta desconfiança é que Adelmo Genro Filho liquida algumas teorias ensinadas em escolas de comunicação, em relação a seu potencial para explicar o Jornalismo. Desta crítica, nos leva de volta à Filosofia Clássica Alemã e busca na dialética de Hegel a essência dessa forma de conhecimento. A conclusão é simples e arrasadora, como toda grande idéia. A viagem, fascinante. Acompanhe o raciocínio de Adelmo nesta palestra, proferida em 1987 num Encontro Regional de Estudantes de Comunicação. E prepare-se: não fica de pé nem a "pirâmide invertida".

Uma teoria do Jornalismo é um terreno absolutamente virgem, inexplorado, porque até agora não há uma concepção teórica satisfatória a respeito do Jornalismo, especificamente.

Eu começaria colocando uma premissa básica sobre teoria. O que é teoria? Nós podemos dividir as formas de conhecimento humano, para efeito dessa exposição, fazendo uma simplificação: há o conhecimento empírico, o conhecimento pragmático, o conhecimento do dia-a-dia, o conhecimento do senso comum, todos eles de um lado, porque são sinônimos, e de outro lado o conhecimento teórico.

Na prática é que a teoria comprova a sua efetividade

O conhecimento empírico, do dia-a-dia, é aquele que obedece a uma observação particular, limitada. Constata a existência de fenômenos e, a partir daí, digamos assim, formula esse acontecimento através de um discurso, mas sem uma generalização, sem uma universalização, do significado daquele fenômeno. Por exemplo, a maneira diferente pela qual um físico abordaria um determinado fenômeno natural, o fato de eu jogar uma pedra para cima, e essa pedra cair. Esse fenômeno pode ser objeto de dois tipos de conhecimento: um, o conhecimento pragmático, o conhecimento que pode dizer o seguinte: as pedras, jogadas para cima, caem. Ou, outro conhecimento, ainda pragmático, embora mais geral: as coisas, quando jogadas para o ar, caem. Mas eu posso também fazer uma formulação rigorosamente universal sobre esse fenômeno. Posso dizer alguma coisa assim como “matéria atrai matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias”. Então, vejam bem, eu formulei a essência desse fenômeno através de uma universalização máxima, uma universalização rigorosa que explicita a essência de todos os acontecimentos dessa ordem, de objetos que são jogados para cima e que são atraídos então por massas maiores. Embora, segundo a teoria da relatividade, essa lei esteja inclusive ultrapassada. Há outra explicação da gravidade, segundo a teoria da relatividade. Mas não é o nosso campo.

A teoria é importante, é indispensável, porque só a teoria fornece um tipo de conhecimento profundo capaz de direcionar a prática. A visão que nós temos, a visão comum, a visão vulgar que temos sobre a teoria é de que a teoria na prática é outra, mas isso é uma falácia. Na verdade, na prática é que a teoria comprova a sua efetividade e a sua realidade. Isso se for uma teoria correta, se for uma boa teoria, se for uma teoria que corresponda, efetivamente, à essência dos fenômenos. A única maneira de captar a essência das coisas é através de uma apreensão teórica, uma apreensão de universalidade do fenômeno, daquilo que ele tem de essencial e de genérico, que é subjacente ao fato observado.

Como é que se chega à teoria? Chegar à teoria ou chegar ao conhecimento científico é um percurso muito árduo, exige um esforço até físico. Para abordar e para conhecer, pelo menos uma parte de todo o conhecimento acumulado, é necessário um esforço de reflexão e de criatividade para apanhar essas realidades que não aparecem à primeira vista, que não aparecem aos olhos. Porque, vejam bem, as coisas que aparecem aos olhos, e eu estou aqui parafraseando Saint Exupéry, não são coisas essenciais. O essencial é invisível aos olhos. Se nós tomarmos essa frase, metida a poética, de Saint Exupéry, e a interpretamos no sentido epistemológico, vamos ver que ele tem absoluta razão. O essencial não aparece aos olhos,

Por exemplo, o que é essencial no modo de produção capitalista. É que o modo de produção capitalista é um sistema baseado na produção de mercadorias. Mercadoria é algo que, fora da relação conceitual, não aparece. Mercadoria é uma relação conceitual. Mercadoria é uma relação social complexa. Então, se nós formos olhar, da janela do nosso edifício, o capitalismo, tudo o que nós estamos vendo sobre o capitalismo não é essencial. São

coisas, fenômenos, coisas que aparecem. Nós só podemos captar a essência desse modo de produção se nós abordarmos esse modo de produção teoricamente, e captarmos aquilo que não aparece, ou seja, como é que internamente ele funciona. Então esse é o trajeto, essa é a finalidade da teoria.

O Jornalismo se encontra num impasse teórico. E falo do Jornalismo aqui no sentido mais restrito do que é a comunicação em geral. Porque, grosso modo, as abordagens que nós temos sobre Jornalismo caem em alguns extremos que, de algum modo, não perfazem o caminho da teoria. Afirmo há pouco, para vocês, que o caminho da teoria é o que leva ao concreto. Não é o caminho da observação empírica que leva ao concreto, porque o próprio concreto não aparece aos olhos, o que aparece é a superfície do concreto. O concreto é aquilo que é apanhado na sua essência. Então as definições que nós temos de Jornalismo, as concepções que temos de Jornalismo, poderíamos, também grosso modo, sintetizar em três versões para efeito dessa discussão. Já que não há como fazer, aqui, uma exposição de todos os subcaminhos teóricos que são tomados na discussão do Jornalismo.

O concreto não se vê com
os olhos, só a sua superfície

A primeira: uma forma de abordar o Jornalismo é considerá-lo sob o ponto de vista de uma generalidade abstrata. Vejam bem, se eu disser, por exemplo: Jornalismo é uma forma de comunicação. Isto é verdade. Ninguém tem dúvida que o Jornalismo é uma forma de comunicação. Isso é universal. Mas será que isso é teórico? Teórico no sentido de apanhar o concreto? Não é! Porque só capta a generalidade, mas não capta aquilo que é específico do Jornalismo. Essa frase é tão grandiosa e importante quanto dissermos, por exemplo, que João é um ser humano.

O que num determinado contexto pode significar um conhecimento, por exemplo, se eu me refiro a esse sujeito que está sendo julgado na França. Se eu disser: O Klaus Barbie, em que pese seja um nazista e um assassino, é um ser humano. Então tem sentido essa minha afirmação.

Agora, se vocês me perguntam, quem é o João? E eu respondo: o João é um ser humano, isso não adianta nada, isso é uma generalidade abstrata. Ou seja, é geral, mas é abstrato, não capta o concreto, só tem a generalidade, não contém a especificidade. Então, dizer que o Jornalismo é uma forma de comunicação não nos diz nada, especificamente sobre o Jornalismo, é uma obviedade elementar e algumas das abordagens partem desta definição: Jornalismo é uma forma de comunicação.

A segunda: outra maneira de abordar seria uma tradição mais especificamente positivista e funcionalista. Quando nós encontramos alguns conceitos que dizem, mais ou menos assim: Jornalismo é uma forma de comunicação que serve para integrar e adaptar o homem ao seu papel social. Vejam, eu avancei um pouco a generalidade, eu disse que não é

uma forma de conhecimento qualquer, mas uma forma de conhecimento que serve para integrar o homem, para que ele funcione, dentro de um sistema ao qual ele pertence. Eu avancei um pouco, mas não cheguei ainda ao concreto. Porquê? Porque o Jornalismo, ele de fato, é também uma forma de educar, de situar o homem no seu papel social e na sua função definida pela sociedade. Isso a gente pode observar.

Mas a pergunta que fica é a seguinte: será que o Jornalismo é só isso? Será que o Jornalismo é, exclusivamente, uma forma de integração do indivíduo no papel que a sociedade lhe atribui? Ou o Jornalismo teria uma potencialidade a mais? Além de ser isso, ele teria algo mais, uma potencialidade que transgride esse limite de uma mera integração funcional do indivíduo na sociedade. Ele é muito mais do que isso.

A terceira forma, que eu diria que é uma abordagem crítica do Jornalismo, mas uma crítica meramente ideológica, diz mais ou menos assim: Jornalismo é uma forma de comunicação que serve para reforçar a hegemonia ideológica da burguesia e reproduzir a dominação de classe, o que é, no meu entendimento, também uma verdade. O Jornalismo, exatamente fazendo a integração dos indivíduos no papel social positivo, ou seja, o papel social dado que a sociedade lhe oferece. Se vou analisar isso do ponto de vista crítico, perceberei que o Jornalismo, portanto, faz com que as pessoas funcionem regularmente nas funções que a sociedade de classe lhes atribui. Portanto, o Jornalismo é um instrumento de reforço da ordem vigente, e a ordem vigente é uma ordem burguesa, capitalista, é uma ordem dada por uma sociedade de classes.

Mas, ainda assim, fica uma pergunta: será que o Jornalismo é exclusivamente uma forma de dominação? De onde nós tiraríamos a seguinte conclusão: o dia que conseguirmos acabar com a forma de dominação, com qualquer forma de exploração do homem pelo homem, conseqüentemente, sendo o Jornalismo uma forma de dominação, vai acabar o Jornalismo. É uma conclusão que se impõe a partir dessa abordagem, desse tipo de abordagem crítica que reduz o Jornalismo a uma das funções que ele tem na sociedade de classes, do ponto de vista dos interesses dominantes. Então o Jornalismo é isso, também. O Jornalismo é um instrumento de reprodução dos conceitos, das idéias, da ética, enfim, da ideologia dominante.

Vejam o problema do caminho tradicional, de se partir de um conceito de Jornalismo, ou de qualquer ciência, para, a partir desse conceito elevar um edifício conceitual, tentando chegar a uma conclusão, é um caminho falso, porque se eu parto de um conceito de Jornalismo, de certa forma é um conceito que eu quero obter no fim, portanto eu já tenho a conclusão posta no início.

A abordagem de alguma temática nova, no caso uma abordagem do Jornalismo, não pode partir senão de um conceito provisório, que terá de ser comprovado e ampliado ao longo do desenvolvimento da reflexão e da discussão. Quer dizer, eu não partir de um conceito e desenvolver todo o restante do raciocínio em cima deste conceito, porque eu quero é chegar neste conceito final.

Será o Jornalismo apenas a integração do indivíduo ?

Então vamos partir de um conceito provisório e depois tentar enriquecer este conceito de Jornalismo. Esse conceito representa uma visão crítica sobre todas as outras formas de abordar o Jornalismo, que eu citei, ligeiramente, dividindo em três vertentes.

Diria que, antes de mais nada, o Jornalismo é uma forma social de conhecimento. Então reconheço que estamos partindo de uma generalidade abstrata, que é o nosso ponto de partida provisório, porque existem outras formas sociais, digamos assim, de comunicação, que implicam em conhecimento.

Posso citar a arte. Posso citar a ciência, que também é uma forma que funciona socialmente e que implica numa produção e apropriação de conhecimento. Então eu reconheço a debilidade inicial desse conceito, porque quero concretizá-lo ao longo da minha exposição. Vamos partir da idéia de que o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, lembrando que isso é genérico, que a arte e a ciência também o são. Vamos tentar diferenciar o Jornalismo. Ou seja, buscar agora a especificidade do Jornalismo, como forma social de conhecimento.

Mas, para isso, em preciso discutir alguma coisa de filosofia, senão, não vai ser possível chegarmos até um conceito mais concreto. Porque, vejam bem, temos que subir aos ramos mais abstratos do saber, que é a filosofia, para podermos chegar então ao concreto, ao contrário do que pensa o senso comum, de que as teorizações, as reflexões abstratas são um caminho sem retorno para a vida. Elas podem ser um caminho sem retorno, eu posso fazer uma filosofia, uma teorização que acaba se perdendo numa lógica abstrata, e aí tenho a generalidade abstrata que eu falei naquele momento. Mas, de qualquer maneira, para chegar ao concreto, preciso chegar a esses níveis e depois retornar para o conhecimento concreto. Quer dizer, fazer o trabalho de retorno dessas categorias para o concreto. Categorias são conceitos amplos de qualquer teoria ou de qualquer ciência.

Há três categorias, ou há três conceitos que vamos usar para buscar esse conceito de Jornalismo, para buscar essa definição de Jornalismo. São categorias de larga tradição na filosofia clássica, especialmente na filosofia clássica alemã, especialmente em Hegel, que são as categorias do singular, do particular e do universal. Essas três categorias são essenciais.

1) Primeiro, elas são dimensões reais e objetivas do mundo. Tentarei provar para vocês que as categorias do singular, do particular e do universal, não são uma abstração da cabeça do Hegel, ou da filosofia clássica alemã. São conceitos que representam formas objetivas de existência de todas as coisas no mundo. Vamos pegar o exemplo do João. Primeira pergunta: o João é um sujeito singular? O singular é aquilo que não se repete, aquilo que é idêntico só a si mesmo. Eu diria assim: o João é um sujeito singular. Porquê? Porque o João tem características que são especificamente dele. Características físicas, de temperamento, de caráter, etc. Então eu penso que está comprovado que o João é,

objetivamente, um sujeito singular. Mas eu quero provar que o João é também um sujeito particular e universal.

O Jornalismo é uma força social de conhecimento

O João pertence a um grupo de pessoas que usa óculos ao qual eu também pertencço. Então o João já tem uma característica que, objetivamente, pertence a um grupo de pessoas. Ou eu poderia dizer, de outra forma, o João é estudante de Comunicação, portanto, ele objetivamente pertence a um grupo particular, ou seja, ele tem características iguais a um determinado grupo. Não a todos mas, também, não exclusivamente a si mesmo. Ele tem características que correspondem a um determinado grupo. O João faz parte de uma família, de relações de parentesco. O João faz parte da particularidade dos estudantes de Comunicação. E, se eu quiser, dos estudantes do Brasil, dos brasileiros. Eu estou falando sempre num grupo limitado. Então, todas as coisas possuem traços de identidade com um grupo limitado. Portanto, todas as coisas, indivíduos, pessoas, pertencem à categoria da particularidade, também. Então nós já comprovamos que o João é singular mas, estranhamente, ele também é particular.

Agora eu vou tentar mostrar para vocês que o João, objetivamente, é também um universal. Eu perguntaria, é errado eu afirmar que o João é um ser humano? Absolutamente. É uma característica essencial do João o fato de ser humano, o fato dele pertencer a esta categoria universal dos seres humanos.

Então todas as coisas no mundo, no universo, existem pelo menos em três dimensões: o singular, o particular e o universal. Isso é um pressuposto essencial para a gente discutir mais adiante o Jornalismo.

Mas é preciso aprofundar mais um pouco essa relação. Vejam bem: estas categorias, estas características do João existem sempre numa determinada relação entre si. Ou seja, o particular é sempre particular em relação a um singular e em relação a um universal. Ele não é um particular por si mesmo. Porquê? Vou tentar demonstrar que essa relação é sempre relativa. Trata-se de uma relação dialética. Porquê isso? Porque eu posso partir do seguinte raciocínio: que a singularidade do João é o fato dele ser um estudante de Comunicação; que a particularidade dele é o fato dele ser um brasileiro e que a universalidade dele é o fato dele ser um ser humano. Então eu estabeleci uma nova relação entre o singular, o particular e o universal. Posso dizer que a singularidade do João é o fato dele ser um brasileiro, a particularidade é o fato dele ser um latino-americano, e a universalidade é o fato dele ser um ser humano.

Quer dizer, eu posso estabelecer relações variadas, mas sempre o meu particular tem a ver com o universal e o singular, e o meu singular tem a ver com o universal e o particular. É sempre uma relação amarrada. Não existe um singular fixo, até porque eu posso considerar

que o João é o universal, os órgãos que o compõem são o particular e as células são singulares. Posso considerar dessa forma. O importante é saber que existe um relação mútua.

E mais. Sempre, em cada uma das dimensões estão presentes as demais. Essa é a terceira característica dessas categorias, que também é fundamental para nossa discussão posterior do conceito de Jornalismo. Isso significa o seguinte. No conceito de universalidade, ou seja, por exemplo, no conceito de ser humano, estamos de alguma forma presentes, todos nós, que somos seres humanos individuais e singulares. Quer dizer, se eu digo ser humano, de alguma forma eu estou incluído, vocês estão incluídos. Então, de alguma forma, no universal estão contidos os casos singulares e particulares. Agora, se eu digo João, de alguma forma, nesse singular está contido o gênero humano. João faz parte, portanto, dentro dele, está contido o gênero humano.

Em cada uma dessas dimensões as demais estão presentes. Mas estão presentes de forma subjacente, de forma superada, ou seja, estão presentes como se fossem dormidas, como se fossem dissolvidas. Elas não só se relacionam entre si, dialeticamente, permanentemente, e formam um sistema, pois em cada uma dela as demais estão presentes. Não existe singularidade pura, sem que esteja presente dentro dela a particularidade e a universalidade. E não existe universalidade pura, sem que dentro da universalidade estejam dissolvidos todos os casos. Se eu cheguei à conclusão que matéria atrai matéria na razão direta das massas, etc., etc., é porque isso corresponde a todos os casos de experiências humanas que mostraram que os objetos caem. Então os casos singulares estão ali.

Agora nós podemos dar um passo adiante no conceito de Jornalismo. Diria então o seguinte, já num nível de abstração e de concretização mais elevado: o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, mas não de um conhecimento qualquer, é um conhecimento cristalizado no singular. Vejam bem: o conhecimento pode se cristalizar, ou pode se apresentar sob a forma do universal. Se alguém me diz uma lei da química ou da física, trata-se de um conhecimento real sobre o mundo e que, não obstante, está formulado universalmente. Então eu me aproprio, eu conheço o mundo através de uma formulação de um conhecimento que se cristaliza no universal. A ciência é, por excelência, a forma de conhecimento baseada no universal. O que é que interessa à ciência? Interessa à ciência se o Pedro, o Paulo ou o João, no caso a Sociologia, tomam determinadas atitudes? Não interessa isso à ciência, interessa à medida em que os grupos sociais, ou que tipos de pessoas, ou que classes sociais tomam determinadas atitudes. Então, a generalização é a base da ciência. A universalização é a base ciência.

O que eu estou tentando defender é que o Jornalismo é uma forma de conhecer o mundo que não tem base na universalidade mas, ao contrário, é uma forma de conhecimento que se cristaliza no oposto da universalidade, que é uma singularidade.

Todas as coisas no mundo
existem em três dimensões

É uma forma de conhecimento que surge, historicamente, com base no desenvolvimento das relações capitalistas e com base na indústria. Eu diria que com o desenvolvimento das relações capitalistas, com o capitalismo, a sociedade se tornou um único sistema universal, um sistema cambiante, um sistema dinâmico. O capitalismo é o primeiro sistema na história humana que tornou a humanidade um gênero, efetivamente interligado, a nível internacional, a nível mundial, o gênero humano é todo interdependente, ele forma um sistema só. Aliás, o imperialismo foi a chave do desdobramento dessa universalização do mundo que, não obstante, está posta e tem o seu caráter de progresso, também. O próprio colonialismo tem, de um lado, digamos assim, o seu caráter de progresso. Evidentemente que eu não estou defendendo o colonialismo, ao contrário. Mas essa universalização que a humanidade produziu com base inclusive na violência, na expropriação, na exploração, ela mantém uma base hoje que é universal, que é, portanto, esse sistema único que a humanidade forma hoje.

Então, é esse sistema único que gerou a necessidade do Jornalismo. Por que? Porquê antes da existência desse sistema tínhamos um conhecimento genérico e universal sobre o mundo, mas tínhamos um conhecimento baseado no singular sobre a realidade imediata. Por exemplo: a realidade da nossa casa, a realidade dos nossos vizinhos. Ou consideremos a realidade de um sujeito na idade média, que morasse num povoado ou numa vila. Este sujeito tinha um conhecimento, como nós temos hoje da nossa casa, e dos nossos vizinhos, das nossas relações diretas, um conhecimento do mundo, pela sua feição singular, ou seja, eu vejo o mundo acontecendo e mudando na sua imediaticidade, na sua manifestação específica, na sua manifestação, digamos assim, superficial, na sua manifestação fenomênica, eu percebo o mundo mudando à minha volta.

Agora eu não tenho uma relação baseada na singularidade com o mundo no qual hoje estou ligado, que é o mundo entendido de forma internacional, de forma universal, eu não tenho meios pessoais para me relacionar diretamente com este mundo. E é precisamente em cima desta necessidade que surge o Jornalismo, como uma forma de conhecimento que vai cumprir um papel semelhante ao papel que cumpre a percepção individual da singularidade dos fenômenos, só que agora é como se nós nos relacionássemos com a imediaticidade do mundo. Mas o nosso mundo não é mais a aldeia, o nosso mundo é uma aldeia global, o nosso mundo é a totalidade do universo. Então vejam que essa pré-condição histórica é essencial ao Jornalismo. Era preciso que o mundo se tornasse único, interligado e dinâmico, para que surgisse a necessidade de que as pessoas se relacionassem com este mundo, de alguma forma semelhante à maneira como elas se relacionam pessoalmente com seus acontecimentos do dia-a-dia.

Em cada uma das dimensões
estão também as demais

Era necessário que surgisse o Jornalismo. E essa necessidade veio acompanhada, também de uma base material. Em parte, ela gerou essa base material. E essa base material é a indústria. Se não houvesse o desenvolvimento da indústria, que é a base da própria universalização da humanidade, de desenvolvimento capitalista, não haveria a possibilidade do Jornalismo, que inicialmente surgiu como jornal, na metade do século passado. Os jornais com características mais ou menos modernas começam a surgir na metade do século passado. Mas, hoje, o Jornalismo não é mais apenas aquilo que é comunicado através dos jornais. No meu entendimento, e agora nós vamos aprofundando o conceito de Jornalismo: o Jornalismo é uma forma de conhecimento baseado no singular, com base na indústria.

A força do Jornalismo é precisamente a singularidade. Os professores, que têm uma atividade empírica, no Jornalismo, mesmo que não teorizem sobre o problema, ensinam na Escola: olha, ao invés de dizer que o sujeito era muito alto, diga que ele tinha um metro e noventa, eu estou me lembrando de um exemplo que o Nilson Lage dá. Ao invés de dizer que o Sarney estava nervoso, quando anunciou o último Cruzado, diga no seu texto que suas mãos tremiam, digam que ele tinha o senho carregado. Mas não escrevam: o Sarney estava nervoso. Claro, eu não estou aqui apresentando uma fórmula, que jamais se deva escrever isso, mas só fazendo uma comparação relativa - que dizer, a singularidade, aquilo que é menos generalizante, digamos assim, é o que tem mais força no Jornalismo.

São as características, os detalhes, porque eu preciso montar um quadro que tenha uma certa semelhança com a minha percepção imediata, das coisas que eu vejo ao meu redor. É daí que decorre a grandeza e a força do Jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade.

Vocês se recordam quando os professores ensinam a fazer o *lead*, eles dizem o seguinte: você deve fazer o *lead* a partir daquilo que é mais exótico, estranho ou diferente. Então é um exemplo que sempre é dado, desde o meu tempo como estudante. Se o sujeito matou o outro, roubou a carteira as frente da delegacia, comecem por aí: em frente à delegacia, ontem, fulano de tal roubou a carteira. Por exemplo: se um velho, de noventa anos, mata alguém, o bom jornalista, prático começaria assim, com noventa anos de idade, puxando a faca e tal... Quer dizer, o aspecto vivo, o aspecto central do conhecimento que o Jornalismo deve formular, é a singularidade.

**Jornalismo é um conhecimento
que parte do singular**

Porém, é evidente que essa forma de conhecimento recebe uma Inflexão ideológica segundo a visão dos intermediários, dos veículos ou dos indivíduos que o reproduzem. Com isso eu não estou negando que o Jornalismo também trafica, no reconstruir o mundo, uma concepção sobre o mundo. Isso é evidente, porque todo o conhecimento social, e o Jornalismo é um conhecimento social, envolve um determinado ponto de vista sobre a história, sobre a

sociedade e sobre a humanidade. E como a humanidade, a história é um processo que está em construção Naturalmente, não existe um Jornalismo puramente objetivo, ou seja, um Jornalismo que seja absolutamente neutro. Mas não por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais, como diz *O que é Jornalismo* do Clóvis Rossi. Não é por motivos psicológicos, porque o indivíduo está de alguma forma envolvido. Não é por causa disso. É porque toda forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Esta é a razão mais profunda, porque o próprio Jornalismo implica numa visão ideológica, implica num posicionamento ético e político sobre a realidade.

Mas, com isso, nós conseguimos evitar aquele impasse tão tradicional quando se quer fazer uma teoria crítica do Jornalismo: ao criticar a dominação burguesa sobre o Jornalismo - o que deve ser feito, evidentemente - a gente acaba caindo no extremo de dizer o seguinte: ao Jornalismo objetivo, falsamente objetivo que a burguesia faz, nós devemos opor um Jornalismo opinativo. Então, o oposto do “Jornalismo objetivo” que a burguesia faz, seria o Jornalismo opinativo, aquele Jornalismo que você abre assim: “com a crueldade que lhe caracteriza, representantes da burguesia, ontem reprimiram os trabalhadores”, etc..., quer dizer, cheio de adjetivos, cheio de colocações universais, cheio de pressupostos éticos, expostos claramente, onde a singularidade do fato que estou retratando, que estou querendo apreender, se perde.

O problema é que quando eu vou ler uma notícia, isso não interessa. Eu não quero dizer que não há necessidade de um Jornalismo semanal, mensário, de análise, de discussão, de propaganda política, de denúncia. Claro que há. Há necessidade disso, e a burguesia também tem, nos vários níveis em que aborda a questão.

Estou querendo dizer que é preciso abordar também o Jornalismo diário, chamado Jornalismo objetivo, com a mesma competência, com a mesma eficácia técnica que a burguesia aborda nos seus jornais. É claro que para isso é preciso ter um jornal na mão, é preciso ter meios para isso. Mas não é impossível um Jornalismo diário, aparentemente objetivo, como a burguesia faz, só que com outro ponto de vista, com um ponto de vista oposto ao ponto de vista burguês. Um ponto de vista crítico, sobre o regime, sobre o modo de produção, sobre o poder das classes dominantes.

Continuando diria que não só é possível, como é extremamente necessário fazer isso. Se acharmos que vamos combater ao poder dominante no país, combater todo o conhecimento que a burguesia produz nos seus noticiários, nos seus grandes jornais, através de pequenos jornais opinativos, onde nós, digamos assim, rotulamos com adjetivos e explicitamos nosso ponto de vista, acho que vamos cair numa tremenda ilusão. Também acho que é indispensável pensarmos numa forma de Jornalismo que respeite o leitor, a inteligência do leitor, respeitando a curiosidade que o próprio leitor tem de saber os fatos - o que a burguesia sabe fazer, -e nós também podemos fazer com outro enfoque, com outro ponto de vista de classe.

Vejam bem, vocês se recordam que falei nas categorias do singular, do particular e do universal. Havia uma inter-relação entre elas, uma inter-relação dialética e, sempre, em cada uma delas, estavam contidas as demais. Portanto, posso retratar um acontecimento pela via da singularidade. Subjacente a este, vou colocar uma determinada visão particular e universal do mundo, mas vai estar subjacente, vai estar superado, ou seja, vai estar grudado na singularidade do fenômeno.

A força do Jornalismo é precisamente a singularidade

Vou dar outro exemplo sobre um assunto que é, de certa forma, fácil de fazer, porque a maioria dos jornalistas apóia a Reforma Agrária. É uma notícia que saiu sobre a Reforma Agrária. Nesta notícia, sem dar opinião alguma, respeitando as regras do Jornalismo como conhecimento produzido através do singular, o jornalista conseguiu dar um enfoque claramente favorável à Reforma Agrária, claramente contrário aos latifundiários, e sem emitir qualquer opinião explícita, sem usar qualquer adjetivo qualificativo em relação aos latifundiários, sem dizer se estão com razão ou sem razão.

É sobre um conflito que ocorreu no Congresso Nacional entre os agricultores que pediam a Reforma Agrária e os latifundiários da UDR, que tentaram fazer um cordão de isolamento e não deixar os agricultores ocuparem as galerias:

“Pela manhã a UDR absoluta nos corredores do Congresso. O Presidente da entidade no Rio Grande do Sul, Gilberto Scoppel, dava entrevistas à imprensa cercado de cento e cinquenta militantes gaúchos da organização, todos vestidos a caráter, bombachas, botas e lenço no pescoço”. Vejam a caracterização que já vai fazendo, caracterização do latifúndio. “Vindos num vôo charter especialmente fretado...” O fato é objetivo, agora se pode incluir isso ou não na matéria.. É um fato absolutamente objetivo... “Vindos num vôo charter, especialmente fretado pela organização, os integrantes gaúchos da UDR confraternizavam com seus colegas de Minas e Espírito Santo, a maioria”... Vejam bem... “a maioria jovens, filhos de fazendeiros usando jeans de griffes famosas, camisas pólo, muitos de óculos escuros, apesar da ausência de sol no interior do Congresso”.

Quer dizer, está caracterizado, ideologicamente, quem são os caras que estão lutando por interesses absolutamente privados. E não tem nenhuma apologia aqui da Reforma Agrária. O jornalista respeitou a sensibilidade, a inteligência e a curiosidade leitor. Se eu me interessar pela opinião, eu vou ler um ensaio, vou ler um artigo. Agora, na medida em que eu quero tomar um primeiro contato com os fatos, preciso que essa minha vontade seja respeitada. Não existe uma só singularidade, esse que é o problema. Existem várias singularidades, a depender da universalidade que eu construo, no corpo dessa singularidade.

Aqui, por exemplo, existe uma visão particular, sobre a UDR, que conceitua ela, e que não está explícita.

A UDR é um movimento ultra-reacionário, de latifundiários, e com objetivos absolutamente privados. Isso aqui está dito, mas não está escrito. Há uma concepção universal aqui, favorável à Reforma Agrária. E, não obstante, não tem nenhuma frase, nenhum slogan, nenhuma palavra de ordem pela Reforma Agrária.

No meu entendimento de Jornalismo diário, essa notícia é mais eficiente do que uma notícia que começasse com adjetivos, frustrando a expectativa que o leitor tem, que é de uma compreensão dos fenômenos tal qual eles ocorrem. Quer dizer, isso não exclui o Jornalismo de combate, o Jornalismo de discussão teórica e ideológica, o Jornalismo de denúncia. Isto não exclui as outras formas.

O Jornalismo opinativo não se opõe à falsa objetividade

Quero dizer é que é preciso dar combate a esse Jornalismo, com a eficiência que esse tipo de Jornalismo usa para passar sua visão de classe. O que eu tento defender é que teoricamente isso é impossível, se nós não compreendermos corretamente o que é Jornalismo. Ou seja, o Jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular e essa cristalização no singular tem leis próprias da sua manifestação. É possível, entendendo teoricamente o que é o Jornalismo, você trabalhar na redação de uma Zero Hora, de um Jornal do Brasil, ou de qualquer outro jornal burguês, e você, em muitas ocasiões, em significativas ocasiões, você pode passar notícias como esta, que contrariam os interesses dominantes, que tem um outro enfoque de classe.

É perfeitamente possível isso. É claro que, quanto mais competentes nós formos ao redigir essas notícias, mais facilidade elas terão de passar pelo editor, pelo chefe de reportagem e assim por diante. Quanto mais adjetivos, mais motivos formais o editor tem para dizer: não, essa sua matéria não é objetiva.

Imagino o editor diante desta matéria sobre a UDR. Não sei quem é, mas mesmo se fosse um editor conservador, não teria argumentos para obstar esta notícia. Porque são fatos singulares, objetivos, que aconteceram, que estão dentro da norma e da lógica do Jornalismo. Então eu acho que é perfeitamente possível e necessário, criar uma concepção baseado nessas premissas. E acredito que essas premissas, aqui expostas, fornecem os elementos básicos para que se venha a desenvolver uma teoria do Jornalismo, onde precisamos redefinir coisas como, por exemplo, a pirâmide invertida ou *lead*.

No meu entendimento a pirâmide está efetivamente invertida

A pirâmide invertida é a representação gráfica de que o mais importante na notícia vem primeiro e, numa ordem decrescente de importância, vem o resto dos complementos da

notícia. Isso pode até corresponder a uma média dos casos. Em geral, o mais importante, pode-se até admitir, vem no início. Mas isso não nos diz nada sobre a natureza do Jornalismo como forma de conhecimento. Então, no meu entendimento, a pirâmide está efetivamente invertida. Porque que ela está invertida? Porque se nós pensarmos a pirâmide em pé, podemos ter um raciocínio referente à essência do Jornalismo. Qual seja, a notícia jornalística caminha, na sua formulação, do singular para o particular. Então se eu tenho um ângulo fechado em cima, quer dizer, esse ponto é precisamente o ponto *lead*, é o ponto da máxima singularidade. Quer dizer, quando vou formular, normalmente no início da notícia, eu parto daqueles aspectos que são próprios do fenômeno, diferentes de todos os outros. Procuro as diferenças. À medida que eu vou desenvolvendo a notícia, vou caminhando para uma localização desse fato num determinado terreno particular. Vou situar dentro de determinada conjuntura as condições em que o fato aconteceu e vou chegar a uma base, a uma base particular dessa formulação.

E o universal onde vai estar? O universal não vai estar contido ali. O universal são meus princípios, os pressupostos mais gerais. O universal vai ser, na verdade, uma continuidade pontilhada dessa pirâmide, porque ele vai ser subjacente. Vai estar subjacente à apreensão que foi feita.

Mas a rigor a pirâmide como representação epistemológica, como representação do conhecimento que o Jornalismo encerra, está efetivamente invertida. O conhecimento jornalístico, a notícia, caminha não do mais importante para o menos importante, porque há casos em que isso não ocorre. Mas ela é uma forma de conhecimento que caminha do singular para o particular. Porque a singularidade é a essência da notícia. Então o *lead*, normalmente, vai estar no começo, mas inclusive isso não é obrigatório. Mesmo que o *lead* não esteja no começo, a construção da notícia como um todo, é da singularidade, ou seja, do específico para uma certa generalização capaz de situar o fato no tempo e na história.

*Comentário de Sérgio Weigert, jornalista e
professor do Curso de Jornalismo da UFSC*

Radicalmente inédito

O livro de Adelmo Genro Filho, *O Segredo da Pirâmide - Para uma teoria marxista do Jornalismo*, corre o risco de tornar-se um clássico na área de comunicação.

Explica-se: Adelmo ao longo das 230 páginas de seu trabalho realiza uma abordagem radicalmente inédita do fenômeno do Jornalismo. Superando as análises tradicionais, presas ao empirismo ou aos aspectos puramente ideológicos do fenômeno, o autor define o

Jornalismo como “uma forma de conhecimento”, que completa as dimensões que a ciência e a arte conferem à compreensão do mundo.

Neste sentido o Jornalismo deixa de ser entendido tão somente como um instrumento de manipulação a serviço das classes dominantes para se constituir em um momento de efetiva apreensão do mundo pelo conjunto da humanidade. Esta é a pedra de toque que explica todo o ineditismo da obra de Adelmo. Além disto, o texto vai abordar sobre um ângulo também novo as questões técnicas do Jornalismo, como a utilização do *lead* e da “pirâmide invertida”. Problemas que até então a teoria não tinha conseguido explicar suficientemente.

Adelmo Genro Filho foi professor do Curso de Jornalismo da UFSC entre 1983 e 1988, período em que contribuiu com textos, artigos e livros, não apenas na área de Comunicação mas também nas de Filosofia e Ciência Política.

Biografia

Adelmo Genro Filho foi professor do Curso de Jornalismo da UFSC durante os últimos cinco anos de sua vida. Antes disso, foi militante político, se elegeu vereador e foi um dos últimos perseguidos pela Lei de Segurança Nacional, com que a ditadura militar brasileira combatia seus opositores. É intelectual comprometido com a revolução e o ideal de uma sociedade comunista, Adelmo escreveu diversos livros e muitos artigos sobre a necessidade de transformação do próprio marxismo. Sua capacidade de produção intelectual era tão intensa que chegava a ser constrangedora: em cinco anos, produziu mais que os seus 22 colegas de Departamento juntos.

No Curso de Jornalismo da UFSC, Adelmo aprofundou sua reflexão teórica sobre a profissão e produziu *O Segredo da Pirâmide - Para uma teoria marxista do jornalismo* - sua dissertação para o ensino e a prática do Jornalismo.

“Não há nada no Universo mais ousado do que o homem” ele gostava de dizer. Adelmo morreu aos 36 anos, em fevereiro de 1988.